

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

SILVIA MARIA COELHO BARBOSA

**A JORNALISTA FRENTE ÀS CÂMERAS: UMA ANÁLISE DA
INSERÇÃO DA MULHER NOS PROGRAMAS ESPORTIVOS DA TV
ABERTA BRASILEIRA**

**VOLTA REDONDA
2018**

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**A JORNALISTA FRENTE ÀS CÂMERAS: UMA ANÁLISE DA
INSERÇÃO DA MULHER NOS PROGRAMAS ESPORTIVOS DA TV
ABERTA BRASILEIRA**

Monografia apresentada para o Curso de
Jornalismo do UniFOA como requisito à
obtenção do título de bacharel em
Jornalismo.

Aluna:

Silvia Maria Coelho Barbosa

Orientador:

Professora Mestre Rebeca Baltazar
Chaves

**VOLTA REDONDA
2018**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente aos meus pais Vera e João. Aos meus irmãos Caio e João Antônio e demais familiares que me deram suporte durante toda minha jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, porque sem ele nada seria possível.

À minha mãe por sempre acreditar nos meus sonhos e me apoiar.

Aos meus familiares e amigos pelo apoio de sempre, principalmente minhas primas Vitória, Maria Eduarda e Maria Antônia que caminham ao meu lado me dando forças para continuar; e ao meu pai João e meu primo Antônio que me inspiraram nesta profissão.

À professora Rebeca Baltazar pelo empenho, companheirismo e principalmente paciência, que foram essenciais na construção deste trabalho.

Aos demais professores que fizeram parte da minha trajetória acadêmica.

Ao meu padrinho José Roberto Ciminelli por me apresentar o Fluminense Football Club e a paixão pelo futebol, que é o maior motivo da construção deste trabalho.

E a todos os demais que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, gratidão!

“O futebol é a única religião que não tem
ateus”. (Eduardo Galeano)

RESUMO

A presença feminina no jornalismo esportivo começou a ser notada a partir da década de 1970, antes disso era praticamente impossível ver mulheres falando sobre esportes. Atualmente elas representam aproximadamente 50% dos profissionais em redações nas grandes metrópoles. A capacidade das mulheres de fazer um bom jornalismo esportivo está a cada dia mais em evidência. Pode-se observar uma quantidade cada vez maior de mulheres preparadas para cobrir qualquer modalidade, falar sobre qualquer assunto e desvincular a imagem estereotipada de que mulher não entende de esporte, principalmente futebol. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo geral traçar o histórico da mulher no jornalismo esportivo, analisar os programas esportivos “Globo Esporte”, “Esporte Fantástico” e “Jogo Aberto” e avaliar a inserção e atuação da jornalista mulher frente às câmeras em tais programas. Para tanto, os programas foram assistidos e os dados foram coletados. Foi realizada uma pesquisa quantitativa e qualitativa, que se fez necessária para concretizar o objetivo do trabalho. Buscou-se apresentar um breve histórico sobre o jornalismo, jornalismo esportivo, a conquista de espaço na área esportiva por parte das mulheres, além de discutir as dificuldades enfrentadas por elas considerando a perspectiva acerca das questões de gênero e de representações sociais. Através dos dados coletados pode-se confirmar a hipótese de que a mulher conquistou espaço nas redações esportivas, mas sua participação ainda é limitada, em sua maioria à âncora e repórter de modalidades menos conhecidas que o futebol.

Palavras-chave: Mulher, Jornalismo Esportivo, Globo Esporte, Esporte Fantástico, Jogo Aberto.

ABSTRACT

The female presence in sports journalism began to be noticed from the 1970s, before that it was virtually impossible to see women talking about sports. Currently they represent approximately 50% of the professionals in newsrooms in the big metropolis. Women's ability to do good sports journalism is becoming more and more evident. One can observe an increasing amount of women prepared to cover any modality, talk about any subject and dissociate the stereotyped image that woman does not understand sports, especially soccer. Therefore, the present work has the general objective of tracing women's history in sports journalism, analyzing the sports programs "Globo Esporte", "Esporte Fantástico" and "Jogo Aberto" and evaluating the insertion and performance of the woman journalist in front of the cameras in such programs. For this, the programs were assisted and data were collected. A quantitative and qualitative research was carried out, which was necessary to achieve the objective of the study. A brief history of journalism, sports journalism, the conquest of space in the sports area by women was also presented, as well as discussing the difficulties faced by women considering the perspective on gender issues and social representations. Through the collected data one can confirm the hypothesis that the woman has gained space in the sports newsrooms, but her participation is still limited, mostly to the anchor and reporter of modalities less known than the soccer.

Keywords: Woman, Sports Journalism, Globo Esporte, Esporte Fantástico, Jogo Aberto.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 JORNALISMO ESPORTIVO.....	13
2.1 História do Jornalismo Esportivo.....	13
2.2 A imprensa esportiva no Brasil.....	16
2.3 Gêneros e funções atribuídas no telejornalismo esportivo.....	20
3 A MULHER NO JORNALISMO.....	23
3.1 Gênero e representação social.....	23
3.2 O início das mulheres no jornalismo.....	25
3.3 Elas no jornalismo esportivo.....	27
4 ANÁLISE DA PRESENÇA FEMININA NOS PROGRAMAS ESPORTIVOS.....	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
6 REFERÊNCIAS.....	44

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: funções e atribuições da equipe de produção de jornalismo.....	21
Quadro 2: programa Globo Esporte.....	34
Quadro 3: análise de reportagens Globo Esporte.....	35
Quadro 4: programa Esporte Fantástico.....	36
Quadro 5: análise de reportagens Esporte Fantástico.....	38
Quadro 6: programa Jogo Aberto.....	37
Quadro 7: análise de reportagens Jogo Aberto.....	40

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: primeira cópia do La Gazzetta dello Sport.....	14
Figura 2: primeira luta de boxe transmitida pela rádio.....	15
Figura 3: primeira transmissão televisiva.....	15
Figura 4: Mario Filho, o “inventor” do jornalismo esportivo.....	18
Figura 5: Regiani Ritter entrevistando Carlos Casagrande.....	29

1 INTRODUÇÃO

A prática do jornalismo requer uma sequência de critérios de noticiabilidade, que determinam se um assunto é ou não de interesse geral. A matéria-prima do exercício do jornalismo é a notícia, normalmente reconhecida como algum dado ou evento socialmente relevante para publicação na mídia. Esses critérios são utilizados em qualquer área de especialização do jornalismo, inclusive o esportivo.

Por ser um assunto conhecido por muitos e que une nações pelo menos a cada quatro anos – em época de Copa do Mundo –, a tendência é acreditar que escrever sobre esportes é mais fácil do que outras editorias, como política. Justamente por lidar com paixão, o profissional do jornalismo área esportivo sofre pressão de torcedores, que querem novidades a todo o momento.

Coelho (2004) acredita que talvez não exista uma área no jornalismo esportivo com tantas adversidades quanto a cobertura esportiva. O profissional enfrenta preconceitos dos colegas de profissão, que consideram a editoria esportiva menos importante e também do público, que trata os comentaristas ou repórter esportivos como “palpiteiros”.

A participação feminina no jornalismo foi mais tardia, inicialmente as mulheres só frequentavam as redações na área de serviço ou como telefonistas apenas durante o dia. Mas no jornalismo esportivo até hoje existe um trabalho de desconstrução do preconceito enraizado de que mulheres não entendem de futebol – que no Brasil é o maior gerador de conteúdo na área – e por isso não têm capacidade de fazer parte da redação esportiva.

Levando em consideração as informações citadas acima, o presente trabalho tem como objetivo geral traçar o histórico da mulher no jornalismo esportivo, analisar os programas esportivos “Globo Esporte”, “Esporte Fantástico” e “Jogo Aberto” e avaliar a inserção e atuação da jornalista mulher frente às câmeras em tais programas.

Será uma pesquisa qualitativa e quantitativa construída sobre a hipótese de que a mulher ganhou espaço no jornalismo esportivo, mas sua participação ao que tange os cargos jornalísticos é limitada em sua maioria a repórter de modalidades menos conhecidas que o futebol ou apresentadora.

Além disso, pretende-se discutir a evolução da trajetória da mulher no jornalismo esportivo, os principais desafios enfrentados, e a partir disso colaborar com as pesquisas e trabalhos que abordam esta temática de suma relevância para o tratamento da igualdade de gênero e do espaço da mulher no jornalismo esportivo.

2 JORNALISMO ESPORTIVO

Para dar início a esse trabalho, este capítulo apresenta uma breve apresentação do histórico de como o Jornalismo Esportivo foi incluído na imprensa, para na sequência falar sobre o surgimento desta área de especialização no Brasil. Para o início desse capítulo foi selecionada a obra “Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte”, escrita pelo Professor Manoel Tubino, com participação dos pesquisadores Tubino e Garrido (2007). A escolha se deu pela reduzida quantidade de obras encontradas que retratem o surgimento do Jornalismo Esportivo no mundo.

2.1 História do Jornalismo Esportivo

O esporte é, atualmente, protagonista dos eventos que mais mobilizam espectadores, ouvintes e leitores no mundo. Seja com Jogos Olímpicos, Copa do Mundo, NBA, por exemplo, (KNIJNIK, 2010). Ao longo dos anos, o esporte tornou-se:

Um forte veículo propagador de mensagens para aqueles que torcem e acompanham. [...] Mensagens cada vez mais comerciais, mas que também difundem valores associados aos corpos, às atitudes e aos comportamentos dos e das atletas, [...] muitas vezes considerados paradigmas de perfeição corporal e mobilização física (KNJINIK, 2010, p. 54).

De acordo com Tubino, Garrido e Tubino (2007), os primeiros indícios de notícias esportivas por meios de comunicação se deram com o uso do telégrafo, no século XIX. O primeiro diário de esportes foi lançado em 1852 em Londres, na Inglaterra, chamado *Sportsman*, que marcou de fato o surgimento do jornalismo esportivo.

Com o passar dos anos, outros países começaram a circular também materiais de cunho esportivo. Um exemplo foi a Espanha, com a revista *El Cazador* em 1856, que era de circulação quinzenal e tinha suas publicações destinadas a esportes de caça (TUBINO; TUBINO, 2007).

La Gazzetta dello Sport, o jornal esportivo mais famoso da Itália, surgiu no dia 3 de abril de 1896, poucos dias antes dos Jogos Olímpicos em Atenas. Segundo os mesmos autores já supera 100 anos de existência, sendo o impresso mais antigo do

mundo, com um estilo único com a capa cor-de-rosa, as manchetes destacadas e uma ampla cobertura setORIZADA. (Figura 1)

Figura 1: Primeira cópia do *La Gazzetta dello Sport*.



Fonte: *La Gazzetta dello Sport*, disponível em <<https://www.gazzetta.it/120anni/22-03-2016/gazzetta-sport-3-aprile-120-anni-fa-rosea-ritorna-verde-1401120558096.shtml>> Acesso em: 06 de maio de 2018.

Apesar do crescente número de diários, revistas e jornais circulando pelo mundo, somente na década de 1920, nos Estados Unidos, que o rádio fez sua primeira transmissão ao vivo sem interrupções, a luta de boxe entre Jack Dempsey e Joe Carpentier. Tubino e Tubino (2007, p. 719) afirmam que “os historiadores destacam que foi uma jornada, pelo tempo que permaneceu no ar. Por isso, as coberturas de Esporte no rádio passaram a ser conhecidas como Jornadas Esportivas”.

Figura 2: primeira luta de boxe transmitida pela rádio.

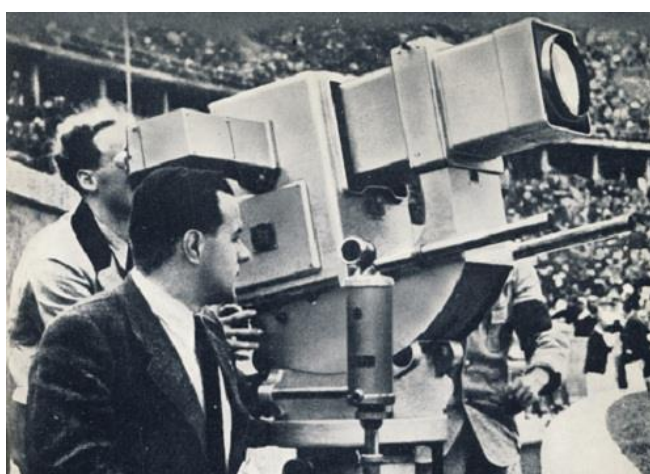


Fonte: [Box Rec](http://boxrec.com/media/index.php/Jack_Dempsey_vs._Georges_Carpentier), disponível em http://boxrec.com/media/index.php/Jack_Dempsey_vs._Georges_Carpentier Acesso em: 06 de maio de 2018.

Na década de 1930, um novo veículo de comunicação começava discretamente a transmitir e valorizar o esporte como um espetáculo de imagens e informação. Esse veículo era a televisão, que em 1936, fez a sua primeira experiência em transmissões (Figura 3) nos Jogos Olímpicos de Berlim. Segundo (ibidem, 2007).

De acordo com Tubino e Tubino (2007), os jogos foram televisionados apenas para quem estava presente nos ginásios e estádios do local daqueles jogos. Essa foi uma maneira de apresentar a difusão de imagens para a apreciação pública, nunca projetada anteriormente por um veículo.

Figura 3: primeira transmissão televisiva.



Fonte: *HistorytothePublic*, disponível em http://historytothepublic.org/cinema-history-leisure-meets-politics/olympia-kanone_1936/ Acesso em: 06 mai. 2018.

Em 1990 com a criação do *pay-per-view*, sistema de TV com programação específica, por assinatura, o esporte passou a ser o principal produto das emissoras. Além de citarem o crescimento da cobertura em tempo real no começo do ano 2000, com a popularização da internet. (TUBINO; TUBINO, 2007).

2.2 A imprensa esportiva no Brasil

Quando se fala de jornalismo esportivo, automaticamente se fala em jornalismo especializado. No Brasil, a inclusão de jornalistas especializados nas redações se deu em 1910. Bahia (1990, p.154) afirma que:

Chácaras e Quintais abre um ciclo de produção sofisticada entre os veículos que cobrem a agricultura, cujos pioneiros são a Bahia e o Rio, por volta de 1833 e durante 63 anos, com O Auxiliador da Indústria Nacional, revista mensal destinada aos fazendeiros, fabricantes, artistas e classes industriais do Brasil. (Bahia 1990, p.154)

Mas o esporte nem sempre teve tamanha importância nos jornais. De acordo com Ribeiro (2007), antes de Charles Müller, mais conhecido como o “pai” do futebol brasileiro desembarcar aos 20 anos no porto de Santos e do futebol se tornar a principal modalidade esportiva do país, o jornalismo esportivo brasileiro quase não existia. Naquele tempo, as páginas dos principais jornais da capital paulista tinham espaço para publicações para esportes como o críquete, turfe, remo e ciclismo.

Segundo Tubino e Tubino (2007), o primeiro jornal voltado para o segmento esportivo que surgiu no Brasil foi O Atleta, em 1856, que tratava de assuntos voltados para o aprimoramento físico dos moradores da cidade do Rio de Janeiro.

Como era novidade, as redações não tinham profissionais prontos para atuar. Por isso, a nova área abria espaço para a colaboração de amantes ou de escritores. Gonçalves e Camargo (2005, p. 8) relatam que “o jornalista esportivo tinha pretensões literárias ou eram literatos que descreviam a partida, por ausência de jornalista especializado, considerados como cronistas”.

Ribeiro (2007) conta que em 1894 quando Charles Müller retornava da Inglaterra para o Brasil, trazendo na sua bagagem a bola e as regras para se jogar

futebol, em terras brasileiras o jogo sequer tinha relevância para as pessoas e tampouco para os jornais brasileiros daquela época.

O primeiro jogo entre equipes do Rio de Janeiro e São Paulo ocorreu no dia 18 de outubro de 1901. Esse foi um grande salto para que o futebol se tornasse notícia, tanto é que o jornal da cidade paulista O Estado de São Paulo e os jornais cariocas Jornal do Brasil e Correio da Manhã informaram em notas a partida (RIBEIRO, 2007).

A partida contribuiu para a criação da Liga de Futebol de São Paulo, em 1902, e, a partir deste momento, o futebol passou a ser mais noticiado. No dia 27 de outubro de 1902, na decisão do Campeonato Paulista, o jornalista Mário Cardim escreveu, para o jornal “O Estado de São Paulo”, a primeira reportagem com ampla descrição de uma partida de futebol da história do Brasil (idem, 2007).

Coelho (2004) destaca que um importante veículo da época que existia em São Paulo era o Fanfulla. Apesar de não representar a grande mídia, o jornal começou a circular em 1910 e era destinado aos imigrantes italianos que moravam na cidade. O autor afirma ainda que o jornal foi muito importante pois, apesar de ser voltado para os imigrantes italianos era um dos únicos a divulgar notícias sobre o futebol numa época em que este esporte ainda não atraía multidões.

Ribeiro (2007) também cita o Fanfulla em sua obra, de acordo com o autor, na década de 1920, esse jornal passou a ser o jornal de maior circulação de São Paulo. Percebendo a crescente popularidade do futebol, o jornal Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro, que até então tinha apenas um pequeno espaço para divulgar o resultado dos jogos, passou a ter duas colunas dedicadas ao esporte. O espaço fixo do diário foi batizado de Gazeta dos *Sports*.

Os principais jornais da época, ao perceberem o interesse das pessoas por informações sobre futebol, passaram a dar mais espaço para notícias esportivas em suas publicações. O Jornal do Brasil, um dos mais vendidos do Rio de Janeiro, criou em 1912 uma página exclusiva dedicada aos esportes. Em 1919 surgiu, em São Paulo, a revista *Sports*, do jornal O Estado de São Paulo e, no Rio de Janeiro, as revistas A *Época Sportiva* e o *Diário Desportivo* (RIBEIRO, 2007).

Só em 1922 os grandes jornais dedicam sua primeira página às fotos de 4 e 5 colunas com lances de futebol. Mais do que em qualquer lugar do país, no Rio de Janeiro, os jornais dedicam cada vez mais espaço ao tema

esportivo. Foi no Rio, com a aceitação de negros nos seus quadros, que o Vasco sagrou-se vencedor da Segunda divisão. Dessa forma, popularizou o esporte bretão. (SILVEIRA, 2009 p. 22)

A partir da década de 1930 a história começa a mudar, com profissionalismo do futebol. Em 1931, Mário Filho, irmão mais velho de Nelson Rodrigues, convidado por Roberto Marinho – naquela época diretor do jornal O Globo – assume o caderno de esportes e publica o primeiro diário dedicado exclusivamente ao mundo esportivo no país. Aos vinte e três anos, já era considerado um veterano no desenvolvimento do jornalismo esportivo (CASTRO, 1992).

[...] Posso dizer que, desde então, ninguém influenciou mais na imprensa brasileira. O próprio artigo de fundo deixou de ter a pose do mordomo de filme de policial inglês. Nos tópicos, fazia-se, vez por outra, uma concessão à nova língua. Em suma: - o jornal deixava de ser besta. E, graças a Mario Filho, o futebol invadiu o recinto sagrado da primeira página. [...] E, súbito, o grande jogo começou a aparecer, no alto da página, em oito colunas frenéticas. Tudo mudou, tudo: - títulos, subtítulos, legendas. Abria-se a página de esporte e lá vinha o soco visual: - o crioulão do Flamengo, de alto a baixo da página. E não era a pose de hirta. Mario Filho acabou com o craque perfilado como se estivesse ouvindo o Hino Nacional. [...] E, com isso, o diretor, o secretário e o gerente descobriram o futebol e o respectivo profissional. O cronista esportivo deixava de ser o pai da Sônia do Crime e Castigo. (RODRIGUES, 1994, p. 9).

Figura 4: Mario Filho, o “inventor” do jornalismo esportivo, ao centro.



Fonte: O Globo, disponível em < <http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/cronistas-e-colunistas/mario-filho-1-12047153> > Acesso em: 07 de maio de 2018.

Apesar de aparentar ser mais fácil que as outras áreas de especialização por se tratar de entretenimento, o jornalismo esportivo passa diariamente por diversos testes. Ao passo que trata de paixão, a editoria esportiva sofre pressões e tem

responsabilidade de passar ao leitor a maioria de informações possíveis sobre o seu time de coração. Por ser o maior gerador de conteúdo e ser o esporte mais assistido pelos brasileiros, existe uma tendência aos novos jornalistas se interessarem especificamente pelo futebol, Coelho (2004) fala sobre isso:

Ai de quem for apaixonado por futebol e entrar na redação pensando que irá escrever só sobre futebol. Ai mais ainda de quem tiver loucura por outro esporte. Quem for louco por vôlei, por basquete, quem tiver paixão por tênis e sonhar ser especialista no esporte de que gosta. Não, tal possibilidade não está excluída. Mas, se já dá trabalho conquistar reconhecimento na profissão trabalhando com futebol, é muito mais feroz a luta para chegar ao topo em outro esporte [...]. O mercado não contempla quem quer aventurar-se nessas áreas específicas. Esse aventureiro poderá ter muito sucesso. Mas vai ter que brigar muito mais por isso. (COELHO, 2004, p. 33 e 35)

Vendo o crescimento da imprensa impressa com o esporte, as rádios decidiram também investir nessa área. De acordo com Pereira (2011), as poucas emissoras de rádio que existiam no Brasil naqueles tempos começaram a inserir na programação notícias sobre esportes.

E foi nessa época que um jovem fez pelo rádio aquilo que Miller havia feito pelo futebol, quando chegou ao Brasil. Nicolau Tuma trabalhava na Rádio Educadora Paulista e conseguiu convencer seus patrões a transmitirem na íntegra uma partida de futebol, fato que ocorreu quando o São Paulo enfrentou o Paraná, em São Paulo, pelo Campeonato Brasileiro de 1931. (PEREIRA, 2011, p. 13)

Camargo (2005) explica como se deu a intimidade entre o futebol e o torcedor nesse momento e como o rádio influenciava na construção da imaginação e da realidade de quem estava ouvindo a transmissão.

Os torcedores levavam o radinho aos estádios para acompanharem as narrações, este artefato de comunicação possibilitou a criação de um universo muito interessante em relação ao futebol, muitas gírias e jargões do jornalismo esportivo ascenderam nesta época, porque o radialista esportivo tinha a função básica de criar a imagem da disputa para aqueles que estavam distantes do campo de jogo. O imaginário era acionado, e, deste modo, posso afirmar sem nenhuma pretensão que as ideologias, identificações e simbologias no esporte tiveram seu nascimento com essas ações. (CAMARGO, 2005, p. 28).

O predomínio do rádio nas transmissões esportivas durou até pouco antes do início dos anos 1970, quando a TV ganhou espaço na casa dos brasileiros e a imagem do jogo chamava a atenção dos telespectadores. Com esta evolução, ouvir o futebol já não era mais tão interessante. Era preciso assisti-lo.

2.3 Gêneros e funções atribuídas no telejornalismo esportivo

De acordo com Tosta (2014) em 1956 foi feita a primeira transmissão televisiva interestadual de um jogo de futebol entre seleções estrangeiras. O jogo entre Brasil e Itália no Maracanã proporcionou uma maior procura por aparelhos de TV e assim se confirmou mais um passo na caminhada para a popularização da televisão no Brasil.

O surgimento de programas esportivos na televisão se deu com o lançamento de programas jornalísticos com formato diferenciado, tendo como pioneiro em 1957 o documentário Canal 100, a primeira tentativa bem sucedida de trazer o esporte para uma linguagem audiovisual (CAMARGO, 1998).

O surgimento do Esporte Espetacular (Globo, 1973) cristalizou o novo formato modificando as perspectivas do jornalismo televisivo. Com uma abordagem mais leve e informal, o telejornalismo esportivo foi configurando características próprias que o diferenciam de outros programas temáticos (programas jornalísticos que têm enfoque em apenas um tema, como economia, política, agricultura, música). (SILVA, 2005, p. 1).

Barbero (1995, p. 64), fala sobre os gêneros televisivos: “O gênero não é só uma estratégia de produção, de escritura, é tanto ou mais de leitura. Enquanto as pessoas não encontram a chave do gênero, não entendem o que está se passando na história”.

De acordo com Silva (2005), a partir de transmissões das partidas, o esporte ganhou um importante espaço na programação televisiva, em programas que vão desde boletins com informações simples sobre o mundo esportivo, a mesas redondas com debate entre especialistas e atuantes do campo esportivo, além dos programas exibidos diariamente para relatar os assuntos internos dos clubes e dos campeonatos.

Assim como em qualquer telejornal comum, o programa esportivo requer uma equipe de produção de jornalismo. De acordo com o Manual de Produção de Televisão de Zettl (2011), as funções e atribuições dos profissionais são respectivamente as demonstradas no Quadro 1.

Quadro 1: funções e atribuições da equipe de produção de jornalismo

Função	Atribuição
Diretor de jornalismo	responsável por todas as operações jornalísticas, ou seja, o principal responsável por todos os telejornais
Produtor	diretamente responsável pela seleção e colocação de notícias em um telejornal para que formem um todo uniforme e equilibrado
Chefe de reportagem	designa repórteres e câmeras para a cobertura de eventos específicos.
Repórter	colhe as notícias. Geralmente transmite as notícias diante da câmera, direto do campo
Câmera ou cinegrafista	responsável por operar as câmeras
Redator	escreve o texto a ser colocado no ar para os âncoras
Editor de vídeo	edita os vídeos de acordo com as anotações do repórter.
Âncora	principal apresentador do telejornal que atua no estúdio

Fonte: elaborado pela autora.

O Globo Esporte, um dos programas analisados neste trabalho pode ser classificado na categoria telejornal. Tem como base a transmissão de informações sobre partidas esportivas, sem aprofundamento nos assuntos, apenas fazendo uma abordagem generalizada para que os telespectadores fiquem por dentro de tudo o que acontece no universo esportivo. É exibido pela Rede Globo de Televisão. De acordo com Silva (2005):

Por estar numa emissora que possui os direitos de transmissão (muitas vezes exclusiva) da maioria dos eventos esportivos - Campeonato Brasileiro de Futebol, Jogos Mundiais de Verão, Fórmula 1, entre outros - o Globo Esporte é privilegiado com relação aos programas das outras emissoras, pois pode mostrar os trechos dos eventos esportivos sem precisar pagar pelas imagens. (SILVA, 2005, p. 4-5).

O programa tem como uma das características principais o uso de uma linguagem menos formal quando comparado aos tradicionais telejornais. De acordo

com Coelho (2004), justamente pelo uso desse tipo de linguagem, o programa esportivo diário da TV Globo recupera o romance e a paixão do começo do jornalismo esportivo. Assim, o Globo Esporte tem sido marcado por um enfoque esportivo que cultiva o espetáculo, sem se esquecer do entretenimento (CAMARGO, 1998).

Exibido semanalmente pela RecordTV, o programa Esporte Fantástico é apresentado por Mylena Ciribelli, Lucas Pereira, Cláudia Reis e Juliana Rios. O programa apresenta matérias especiais sobre diversos esportes e entrevistas exclusivas.

Já o programa Jogo Aberto é um programa de notícias e debates dedicado principalmente ao futebol, exibido diariamente pela Rede Bandeirantes, onde os lances são debatidos por ex-jogadores de futebol e especialistas no esporte. No elenco, atuam nomes como Denílson, Ronaldo Giovanelli, Edmundo e especialistas, como o jornalista Mauro Beting e o radialista e locutor esportivo Ulisses Costa.

Consideradas todas as informações utilizadas para a construção desse primeiro capítulo, o capítulo a seguir abordará questões de gênero e representações sociais, além de um breve histórico da mulher no jornalismo e a presença destas no jornalismo esportivo, para analisar onde se dá a inserção feminina nos programas acima citados.

3 A MULHER NO JORNALISMO

Este capítulo é destinado a apresentar a questão da inserção feminina no Jornalismo e no Jornalismo Esportivo. Também discute sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no ambiente de trabalho, considerando a perspectiva acerca das questões de gênero e de representações sociais.

3.1 Gênero e representação social

A compreensão do conceito de gênero possibilita identificar os valores atribuídos a homens e mulheres, bem como as regras de comportamento decorrentes desses valores. Com isso, fica mais evidente a interferência desses valores e regras no funcionamento das instituições sociais.

Tanto homens quanto mulheres têm os mesmos direitos e deveres, sempre se ausentando do preconceito e da discriminação ao realizar a abordagem. Para Braga (2007) a diferença biológica é apenas o ponto de partida para a construção social do que é ser homem ou ser mulher. O sexo é atribuído ao biológico enquanto gênero e é uma construção social e histórica. A noção de gênero aponta para a dimensão das relações sociais do feminino e do masculino.

Apesar das dificuldades, o papel da mulher vem mudando no decorrer dos tempos em vários campos, principalmente no mercado de trabalho, na educação e na política e aos poucos esse espaço está sendo conquistado. Atualmente a diferença entre os gêneros não é tão explícita apesar de alguns países ainda não permitirem o voto nem profissionalização feminina. De acordo com Louro (2008):

Muito especialmente a partir dos anos 1960, jovens, estudantes, negros, mulheres, as chamadas minorias sexuais e étnicas passaram a falar mais alto, denunciando sua inconformidade e seu desencanto, questionando teorias e conceitos, derrubando fórmulas, criando novas linguagens e construindo novas práticas sociais. Uma série de lutas ou uma luta plural, protagonizada por grupos sociais tradicionalmente subordinados, passava a privilegiar a cultura como palco do embate (LOURO, 2008, p. 20).

A realização da mulher se dá, assim como os homens, através da sua atuação na sociedade e do seu desenvolvimento pleno como pessoa, não apenas no mundo da reprodução. Codo (1995) diz que é através do trabalho que o homem se constrói, suas heranças e seus projetos se materializam por e pelo trabalho, sendo esta a ligação entre o passado e o futuro.

Após a Revolução Industrial, a mulher passou a assumir uma profissão e deixou de se dedicar apenas ao trabalho doméstico. Para Oliveira e Pereira (1997), nesta ocasião a mulher deixou de ser somente esposa e mãe, para ser também operária, enfermeira, professora, e com o tempo, arquiteta, juíza, motorista de ônibus e outras.

Desde o século XIX, quando o movimento feminista começou a adquirir características de ação política, as mulheres lutam para conquistar maior espaço e igualdade do cenário público. Isso se iniciou de fato com as 1ª e 2ª Guerras Mundiais (1914 – 1918 e 1939 – 1945, respectivamente), quando os homens iam para as frentes de batalha e as mulheres passavam a assumir os negócios da família e a posição dos homens no mercado de trabalho (PROBST, 2003).

Segundo relatos de *idem* (2003), ao final da 2ª guerra, muitos homens perderam suas vidas e muitos dos que sobreviveram foram mutilados e impossibilitados de retomar o trabalho. Foi nesse momento que as mulheres viram a necessidade de deixar a casa e os filhos para levar adiante os projetos e trabalhos antes realizados por seus maridos.

Apesar da conquista, algumas formas de exploração permaneceram durante muito tempo. Jornadas entre 14 e 18 horas e diferenças salariais acentuadas eram comuns. Isso se justificava pelo fato de o homem trabalhar e sustentar a mulher. Desse modo, não havia necessidade de a mulher ganhar um salário equivalente ou superior ao do homem (*ibidem*, 2003).

Dessa forma, o mercado de trabalho feminino se estruturou como uma extensão do trabalho doméstico. Áreas como saúde, educação e assistência social foram privilegiadas. Essa última caracterizada por atividade filantrópica e não remunerada durante muito tempo. De acordo com Abramovay (1989):

As atividades produtivas relacionadas com serviços e com assistência médica e educacional são redutos femininos e estão associados ao papel reprodutivo que a mulher desempenha na família e na sociedade. Ser professora ou enfermeira é uma forma de praticar tudo o que foi ensinado às mulheres: cuidar, dar amor, ter paciência e carinho. (Abramovay, 1989, p. 63)

Cabe destacar que os meios de comunicação de massa têm como função não apenas veicular informações ao cidadão, mas também a construção de sentidos, formação de representação social, de forma a passar um consenso à sociedade. Representações sociais estão sendo formadas a todo momento enquanto pessoas

argumentam e discutem sobre o cotidiano. Segundo Cruz (2008) elas são socialmente produzidas e partilhadas dentro de um contexto histórico específico. São constituídas a partir da experiência, das informações, dos saberes e dos modelos de pensamento recebidos, transmitidos e construídos através da tradição, da educação e da mídia.

De acordo com relatos de Rocha (2004), a mulher com curso superior recebe o equivalente ao profissional do sexo masculino que possui o segundo grau. Em 2000, a mulher jornalista no Brasil recebia cerca de 5% a menos que o homem, segundo dados do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo. O que mostra uma discriminação menor do que em profissões consolidadas.

Quando a comparação é feita no campo de trabalho, percebe-se que o número de profissionais do sexo masculino exercendo a profissão é superior aos do sexo feminino. Em 2001, as mulheres correspondiam a 44,82% dos postos de trabalho no país. As empresas privadas preferem contratar o profissional do sexo masculino. Outro dado interessante é que os cargos de chefia estão concentrados entre os profissionais do sexo masculino (ROCHA, 2004, p.106).

Além de falar especificamente das mulheres jornalistas, é importante discutir a situação das mulheres no mercado de trabalho brasileiro. De acordo com Pedroza (2014) em uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o desemprego feminino atingiu a marca de 15,9% no primeiro trimestre de 2017 em relação à população que está à procura de trabalho. Em comparação, em 2012 o índice de desemprego masculino era de 6,2% e o das mulheres era de 10,3%. Números estes que mostram que ainda há preconceito em relação à contratação de mulheres e que, com a crise, este número chegou ao recorde apresentado. Ainda segundo análise do IBGE, as trabalhadoras mulheres recebem 72% do salário dos trabalhadores homens.

3.2 O início das mulheres no jornalismo

O primeiro periódico escrito e dirigido apenas por mulheres foi o *Jornal das Senhoras*, em 1852 e falava sobre moda, literatura, belas-artes, teatro e crítica. De um modo geral, as representações da imprensa feminina brasileira do século XIX. Segundo Buitoni (1981) estavam articuladas em torno de dois polos principais: um deles representados por revistas que valorizavam a mulher em sua imagem de mãe-

esposa, dando dicas de como se portar, vestir, dicas de maquiagem, entre outros e o outro mais voltado à conquista de direitos e focado na emancipação feminina.

Abreu e Rocha (2006) explicam que até a década de 1930, profissões como medicina, direito, jornalismo e arquitetura pertenciam aos homens. Mas aos poucos essa situação foi mudando.

O aumento do número de mulheres na imprensa deve sim ser entendido dentro do quadro de profundas transformações que ocorreram na vida econômica brasileira e de suas repercussões na estrutura do emprego nas últimas décadas. A população urbana do país, que em 1950 era de 36,2% do total, passou em 1970 para 55,9%, e no ano 2000 atingiu 80%. Uma das consequências dessa rápida e intensa urbanização foi o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, o que determinou sua entrada em profissões até então consideradas masculinas, como o jornalismo (ABREU; ROCHA, 2006, p. 9).

Segundo um relato de Ribeiro (1998) as empresas jornalísticas eram pensadas e construídas apenas para homens. Nem havia banheiro feminino. Havia mulheres como telefonistas, mas só durante o dia. À noite, um homem é que operava. Mulher só circulava na área de serviço, podendo ser telefonista, faxineira ou servir o café.

No jornalismo brasileiro as redações começaram a receber um grande número de mulheres a partir da década de 1970. Em 1986, as mulheres já ocupavam 36% dos quadros profissionais do país, e dez anos mais tarde, esse número chegava a pouco mais de 40% (ROCHA, 2005). De acordo com o Ministério do Trabalho, em 2006, 52% das vagas de jornalista eram ocupadas por mulheres (6.131 funções ante as 5.640 ocupadas por homens), apresentando como tendência uma maioria feminina no mercado de trabalho jornalístico (CASADEI, 2011).

De acordo com Paula Rocha (2004), o número de mulheres em redações jornalísticas ainda é inferior ao dos homens. Apenas na capital São Paulo as mulheres estão em maior proporção. Em contrapartida, o número de estudantes mulheres cursando jornalismo nas faculdades brasileiras é superior ao número de homens.

Elas correspondem a quase 67% dos estudantes de graduação em jornalismo. Há também uma diferença de gêneros nos campos de atuação. As mulheres estão concentradas nos seguintes setores: revista, extra-redação, televisão e agências de notícias. Nos setores mais tradicionais, impresso e rádio, o número de profissionais mulheres é menor. (ROCHA, 2004, p. 98)

A feminização da profissão pode ter sido motivada pela instabilidade do jornalismo, que “não tem o mesmo poder, autonomia, controle de mercado e produção de saber da medicina e do direito” (ROCHA, 2004, p. 107), por exemplo. Assim, logo no início já existia uma abertura maior para a presença feminina. O aumento do número de mulheres na graduação também poderia ser justificado com essa relação. Por fim, “a feminização ainda ocorre em maior número em áreas menos prestigiadas ou mais recentes, sendo menor nos setores tradicionais como rádio e jornal impresso” (idem, p. 107).

A participação ativa das mulheres em bancadas de telejornais, programas de rádio e veículos impressos atualmente, se dá graças à luta pela conquista desse lugar. Na década de 1970 e 1980 a presença delas nas redações jornalísticas era algo raro, atualmente representa cerca de 50% dos profissionais dentro dos jornais de grande circulação no Estado do Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo (ABREU; ROCHA, 2006).

3.3 Elas no jornalismo esportivo

As mulheres, inicialmente, sequer podiam assistir à competições esportivas, pois eram restritas ao universo masculino (RAMOS, 2003). Ainda hoje, as mulheres lutam por um espaço no mundo esportivo, inclusive no jornalismo esportivo, onde também sofrem dificuldades. Segundo Bravo (2009), como nas outras profissões, dificilmente a mulher conseguia espaço, destaque e respeito dentro do esporte.

No Brasil, as mulheres começaram a ingressar no jornalismo esportivo a partir da década de 1970. “Era quase impossível ver mulheres no esporte até o início dos anos 70. Antes dessa década as mulheres só podiam participar e escrever em outras editorias” (COELHO, 2011, p. 34).

No presente é comum ver mulher inserida na área esportiva, seja como repórter ou apresentadora, mas ainda é raro encontrar mulheres desempenhando papel importante em narrações de jogos e programas de mesa redonda como especialista. Comumente elas desempenham papel secundário em programas como esses, não expressam suas opiniões assim como os homens. Em casos como esse é possível notar que apesar da presença feminina ser mais comum nessa área, ainda existe certo preconceito.

A primeira cobertura feminina de esporte no Brasil aconteceu em 1947. O fato se deu pela jornalista Maria Helena Rangel, que trabalhava para o jornal Gazeta Esportiva. “Nenhum dos jornalistas que ali estavam poderia imaginar que a moça, chamada Maria Helena Nogueira Rangel, era a mais nova contratada do veículo, a primeira mulher a cobrir a área de esportes no Brasil” (PRIZIBISCZKI in Portal Imprensa, 2007).

De acordo com Miranda (2017), antes mesmo de Maria Helena Rangel, em 1934, Mary Zilda Grassia tirava as primeiras fotografias de esporte para um jornal. A jornalista Isabel Tanese ficou três anos à frente da editoria esportiva do jornal O Estado de São Paulo. E além das jornalistas citadas acima, Sônia Francine trabalhou como apresentadora e comentarista da ESPN Brasil entre 1999 e 2004 e a jornalista Kitty Balieiro também foi chefe de redação da ESPN Brasil entre 2000 e 2010. “Pode-se dizer que as redações de esporte do país têm em torno de 10% de mulheres. Isso já provocou mais preconceito no passado do que hoje em dia” (COELHO, 2011, p. 35).

A jornalista Regiani Ritter¹ (Figura 5) se tornou a primeira mulher a fazer cobertura diretamente de campo de futebol e ser comentarista esportiva no Brasil pela Rádio Gazeta de São Paulo. “Era bem informada e entendia do assunto. Tanto que suas claras demonstrações de conhecimento causam até hoje lembranças carinhosas em homens apaixonados por futebol” (COELHO, 2011, p. 36).

¹ Disponível em: <<http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/regiani-ritter-3480>> Acesso em: 19 set. 2018

Figura 5: Regiani Ritter entrevistando Carlos Casagrande



Fonte: Mulheres Transformadoras, disponível em <<http://mulherestransformadoras.com.br/site/2018/02/16/regiani-ritter-lugar-de-mulher-e-dentro-de-campo/>> Acesso em: 19 de setembro de 2018

A partir de Ritter que as restrições de mulheres na cobertura esportiva tiveram fim. Os anos 80 e 90 foram de suma importância para as mulheres, pois foi quando a presença feminina em redações esportivas se tornou maior. Entretanto, atualmente a desconfiança em relação às mulheres ainda é visível. Coelho (2011) fala acerca disso:

A partir dos anos 1980, deixou de haver restrição às mulheres repórteres de futebol. O que sobrou foi o preconceito contra a opinião feminina. Nenhum preconceito se justifica. É um julgamento como a própria palavra encerra. Mas há um sentido no tal preconceito. Verifique nas rodas de amigos, em bares e festas pelo Brasil, o número de homens que conversam sobre futebol. Compare com o número de mulheres. Essa minoria das que se debruçam sobre o assunto é o que ainda produz desconfiança em alguns (COELHO, 2011, p. 36).

Ainda na década de 1980, Isabela Scalabrini² foi a primeira jornalista esportiva da Rede Globo conforme o site Memória Globo, e uma das primeiras jornalistas esportivas da televisão brasileira a produzir matéria sobre futebol. Segundo o site Memória Globo (2007):

Ela gostava de esportes, jogava vôlei e chegou a ser cortadora no time do América. Ir para a editoria de Esportes foi, pois, uma solução natural. Fez parte da primeira equipe do programa Globo Esporte, onde trabalhou com os editores Hedy Valle Jr., Luiz Nascimento e Michel Laurence, e cobriu o Pan-Americano de Caracas de 1983, acompanhando a conquista da medalha de ouro no remo pelos irmãos Ricardo e Ronaldo Carvalho. Neste

² Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/isabela-scalabrini/trajetoria.htm>>. Acesso em: 19 set. 2018

período, a jornalista cobriu, nas ruas do Rio de Janeiro, o segundo título de Nelson Piquet. (Memória Globo 2007)

Rodrigues (2014) relata que Scalabrini foi pioneira entre as mulheres na frente das câmeras, comentando e entendendo de esportes, algo que atualmente é comum. A jornalista também participou como repórter da cobertura da Copa do Mundo no Brasil em 2014.

A participação feminina aos poucos foi ficando mais evidente, principalmente nas transmissões televisivas, com a popularização do futebol. Em 1991, Mylena Ciribelli começou a trabalhar no Globo Esporte e no Esporte Espetacular, da Rede Globo. Em 1998, Anna Zimmerman foi a primeira repórter de campo da emissora, durante a Copa do Mundo na França. Em 2002 e 2006, Fátima Bernardes saiu da bancada do Jornal Nacional para acompanhar a Seleção Brasileira nas Copas do Mundo. A TV Bandeirantes inovou em 2004, nas transmissões das Olimpíadas de Atenas, quando decidiu convocar uma equipe de mulheres ex-atletas para fazer os comentários, procurando ganhar a atenção não só do público feminino, mas do masculino também (RODRIGUES, 2014).

Ainda no final do século XX, as mulheres lutavam para obterem maior participação feminina no esporte brasileiro. A primeira ciclista brasileira a participar dos Jogos Olímpicos foi Claudia Carceoni, em Barcelona/1992, e também foi a única a participar do Tour de France em 1989. Estas mudanças repercutiram diretamente nos programas esportivos da telinha. As mulheres vieram para soltar o verbo; entendem de basquete, rali, fórmula 1 e futebol. Em geral, aquelas que estão à frente do jornalismo esportivo não deixam de fazer parte do imenso grupo de amantes e praticantes femininas de esportes (RAMOS, 2003).

Glenda Kozlowski³ também é um nome importante para o jornalismo esportivo brasileiro. De acordo com o site Memória Globo, a apresentadora começou sua história no jornalismo em 1992 a frente do programa 360º, do canal *Top Sport* – que mais tarde se tornou o SporTV. Em 1996 entrou para a equipe da Rede Globo, sendo contratada para apresentar o Esporte Espetacular. Fez sua primeira cobertura internacional pela Globo nas Olimpíadas de Sidney, em 2000. Participou de outros eventos como os jogos Pan Americanos de Santo Domingo, em 2003, e do Rio de Janeiro em 2007. Em 2006 teve sua primeira experiência em Copa do Mundo, cobrindo o evento que aconteceu na Alemanha diretamente para todos os telejornais da Rede Globo. Em 2016 Glenda foi escalada para fazer parte da equipe de

³ Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/glenda-kozlowski/trajetoria.htm>>. Acesso em: 19 set. 2018

narradores esportivos, nos Jogos Olímpicos do Rio, sendo a primeira mulher a ocupar tal função dentro da maior emissora televisiva do Brasil.

Outra figura importante na inserção das mulheres no jornalismo esportivo é Renata Fan⁴. A gaúcha optou por estudar Direito, mas logo percebeu sua vocação para a comunicação e mudou para Jornalismo. Iniciou a carreira trabalhando como locutora no rádio e em 2003 teve a primeira oportunidade na área esportiva, com o programa Terceiro Tempo, ao lado de Milton Neves e o Debate Bola, ambos da Rede Record de Televisão. Além das duas atrações esportivas da Record, Renata apresentou o Golaço, da Rede Mulher, de 2005 a dezembro de 2006 e atualmente é apresentadora do programa Jogo Aberto, da Rede Bandeirantes.

Os nomes citados são apenas alguns dos exemplos de mulheres que conquistaram espaço onde antes era predominantemente masculino, mas isso não significa que a mulher tem total liberdade e espaço dentro do jornalismo esportivo. Ainda é questionável como a presença feminina é veiculada. Como por exemplo, é raro encontrar mulheres em programas de mesa redonda exercendo papel de comentarista, apenas apresentadora. Clarice Bessa (2006), em seu texto “Mulheres de Atenas”, critica o preconceito que envolve a atuação da mulher no jornalismo esportivo:

Pouquíssimas mulheres realmente podem exercer um cargo de comentarista (para emitir opiniões de verdade, não vomitar um script), principalmente quando têm contato direto com o público. No futebol, então! Nós somos o país do futebol, porém julgamos as mulheres incompetentes no assunto. Muitas garotas já o praticam, mas falar sobre técnica e tática? Discutir se dá para a seleção jogar com dois centroavantes ou se meia é posição em extinção no Brasil? As entrelinhas do cinismo expressam o seguinte: Mulheres podem jogar, mas que não se profissionalizem nem tentem entender o assunto. Namorem jogadores, criem sites sobre galãs como Beckham e o Morientes, sejam assistentes de palco de programas (usem decotes) ou façam matérias de biquíni, mas, por favor, não se metam em território onde só os machos têm competência para opinar, gerir e praticar (BESSA, 2006, p.1).

A capacidade das mulheres de fazer um bom jornalismo esportivo está a cada dia se confirmando. Pode-se observar um contingente feminino cada vez mais ativo e pronto para cobrir qualquer modalidade, falar sobre qualquer assunto e desvincular a imagem estereotipada de que mulher não entende de esporte, principalmente futebol. Por isso, refletindo tudo o que foi apresentado nos dois primeiros capítulos desse trabalho, o terceiro e último consistirá na análise dos programas

⁴ Disponível em: <http://www.renatafan.com.br/biografia/biografia_index.htm> Acesso em: 16 nov. 2018

anteriormente citados e tabulação dos dados coletados acerca do objeto de pesquisa.

4 ANÁLISE DA PRESENÇA FEMININA NOS PROGRAMAS ESPORTIVOS

No capítulo a seguir pretende-se discorrer sobre os programas esportivos Globo Esporte, Esporte Fantástico e Jogo Aberto. Para isso, os programas serão assistidos e a presença da mulher jornalista esportiva será analisada em cada um dos quadros. Os dados coletados serão tabelados e comentados.

Ao analisar os programas, propõe-se verificar onde frente às câmeras a mulher jornalista é inserida e atua no programa e em caso de reportagem, analisar quais temas foram atribuídos às mulheres.

Como já fora citado nos capítulos anteriores, falar com autonomia sobre esportes nem sempre foi uma função atribuída também às vozes femininas nos veículos de comunicação do Brasil e do mundo. Foi com muita luta e perseverança que as mulheres conseguiram aceitação nas redações esportivas.

Atualmente, algumas delas têm voz e representatividade nos meios de comunicação, como é no caso da televisão, veículo escolhido para análise desse trabalho. Mesmo que em alguns casos as reportagens esportivas ainda sejam privilégio masculino, pode-se considerar que as jornalistas dessa área são verdadeiras atletas, disputando diariamente contra o preconceito, machismo e exclusões.

O primeiro programa a ser analisado é o Globo Esporte (Quadro 2). Produzido pela TV Globo, o programa vai ao ar de segunda a sábado de 12h47min até 13h20min. O programa é em formato de telejornal, expondo as últimas novidades nos esportes no Brasil e no mundo e abordando questões internas dos clubes.

Quadro 2: programa Globo Esporte

GLOBO ESPORTE				
Exibido no dia 05 de outubro de 2018				
Sexta-feira				
	Chamada	Nota ao vivo ⁵	Nota Coberta ⁶	Reportagem
Participação feminina	-	-	-	1
Participação masculina	2	1	3	2

Fonte: elaborado pela autora

No dia 5 de outubro de 2018 o programa Globo Esporte foi apresentado pelo jornalista Alex Escobar, que conduziu as chamadas e notas ao vivo. A presença feminina foi pequena nas reportagens, apenas uma matéria produzida por mulher. Além dessa única matéria, houve participação especial da jornalista Fernanda Gentil no quadro GE 10, que fala sobre os 10 melhores lances do mês de setembro no futebol brasileiro.

No primeiro bloco, o apresentador citou o quadro novo do programa, apresentado pelo ex-jogador de futebol Roger Flores, em seguida o telejornal apresentou uma reportagem sobre o Clube de Regatas do Flamengo, comandada diretamente do Centro de Treinamento do time, pelo jornalista André Gallindo. Em seguida Alex Escobar fez a chamada e o mesmo conduziu nota coberta sobre o Clube de Regatas Vasco da Gama. Ao final do bloco, uma chamada conduzida por um homem sobre uma jovem promessa do Tênis que será apresentada no Esporte Espetacular, outro programa da Rede Globo e a chamada do quadro GE 10 produzida pelo apresentador Alex Escobar, citando a participação de uma apresentadora “muito querida entre nós”, segundo palavras dele.

⁵ Notícia lida pelo apresentador do telejornal, sem qualquer imagem de ilustração.

⁶ Nota cuja a cabeça é lida pelo apresentador e o texto seguinte é coberto com imagens. Esta nota pode ser gravada ou ao vivo.

O segundo bloco iniciou-se com o GE 10. O quadro foi apresentado por Fernanda Gentil, que apesar de não fazer parte do programa, nessa ocasião específica foi convidada para direcioná-lo. Uma nota coberta conduzida por Alex Escobar sobre o jogo de celular Cartola FC e em seguida o apresentador chamou a reportagem da jornalista Marina Izidro, que falou sobre a jogadora Marta e a seleção brasileira feminina de futebol, diretamente da Inglaterra. Outra nota coberta sobre UFC, seguida de uma reportagem sobre Fórmula 1, produzida no Japão pelo jornalista Guilherme Pereira. Ao final do bloco, duas chamadas, uma sobre o jogo do Cruzeiro e outro sobre o quadro Na Galera.

O terceiro e último bloco do programa iniciou-se com uma nota coberta alongada sobre o jogo de futebol entre Cruzeiro e Boca Juniors pela Copa Libertadores da América. O último quadro do programa foi o Na Galera, apresentado pelo ex-jogador Roger Flores, que foi até o jogo de futebol entre Fluminense e Deportivo Cuenca, o quadro é gravado no meio da torcida.

Quadro 3: análise de reportagens Globo Esporte

GLOBO ESPORTE		
Exibido no dia 05 de outubro de 2018		
Sexta-feira		
Repórter	Tempo	Assunto
André Gallindo	1 min 65 seg	Futebol
Marina Izidoro	1 min 5 seg	Futebol
Guilherme Pereira	2 min 14 seg	Fórmula 1

Fonte: elaborado pela autora

O segundo programa em que a presença feminina no jornalismo esportivo televisivo foi analisada foi o Esporte Fantástico (Quadro 4), produzido pela RecordTV e apresentado aos sábados de 10h15min até 11h40min. O programa também é produzido em formato de telejornal e expõe as novidades do esporte no Brasil e no mundo.

Quadro 4: programa Esporte Fantástico

ESPORTE FANTÁSTICO				
Exibido no dia 06 de outubro de 2018				
Sábado				
	Chamada	Nota ao vivo	Nota Coberta	Reportagem
Participação feminina	8	2	1	5
Participação masculina	6	-	1	9

Fonte: elaborado pela autora

A análise do Esporte Fantástico foi feita no dia 6 de outubro de 2018, pois o programa é exibido apenas aos sábados. Nota-se a presença feminina logo no início do programa, que é apresentado por duas mulheres, Mynela Ciribelli e Cláudia Reis ocupam a frente do telejornal ao lado do jornalista Lucas Pereira fazendo chamadas, notas e comentários.

No início do programa, os três apresentadores fizeram as chamadas das matérias a serem passadas no primeiro bloco. Em seguida iniciou-se a reportagem sobre o casamento do ginasta Arthur Zanetti, comandada pelo jornalista Jean Brandão, que entrevistou o atleta e sua futura esposa sobre o matrimônio e carreira. Em seguida, a apresentadora Mylena Ciribelli fez uma nota ao vivo sobre os Jogos PanAmericanos de 2019, que acontecerão em Lima, no Peru. Lucas Pereira e Cláudia Reis fizeram a chamada para a segunda matéria, que foi comandada pela própria Cláudia Reis. Falou sobre hipismo, com participação do para-atleta Rodolpho Riskalla, que após uma grave doença, conseguiu se recuperar para participar da Rio 2016.

Os apresentadores Mylena e Lucas fizeram a chamada para a matéria sobre a Copa do Mundo de Jogadores Sem-teto, feita novamente pelo repórter Jean Brandão, que entrevistou participantes brasileiros da competição. A reportagem seguinte foi sobre futebol, o jogo entre Flamengo e Corinthians, comandada pelo

jornalista Roberto Thomé, que deu detalhes sobre a partida. Em seguida, uma nota coberta sobre futebol, mas dessa vez a voz foi feminina, a jornalista que não teve o nome citado, falou sobre os resultados dos jogos entre Sport e Internacional e Vitória e Santos pelo Campeonato Brasileiro de Futebol.

O assunto continuou sendo futebol, o clássico do futebol paulista entre São Paulo e Palmeiras, a frente da reportagem, o jornalista Mauro Junior, que entrevistou craques dos dois times. Seguindo o assunto futebol, o quadro “Baú do EF” teve a participação do técnico do Santos, Cuca, que falou sobre sua vida e trajetória no esporte. Em seguida, continuando falando de futebol, o repórter Waldiney Ferreira contou a história dos atletas paraenses que viajam de balsa para jogar as competições e por vezes precisam empurrar a balsa, que encalha no Rio Amazonas.

A reportagem seguinte falou sobre paixão do torcedor, um homem no Espírito Santo que coleciona camisas de times de futebol do Brasil e do mundo, a responsável pela matéria foi a jornalista Chris Lemos. No quadro “Craques da Fama”, a apresentadora e repórter Mylena Ciribelli falou sobre a preparação física do ator Luka Ribeiro se preparou para viver o papel atual na novela Jesus, que está sendo exibida pela Record.

O repórter Rafael Ribeiro entrevistou uma família apaixonada pelo Corinthians, que tem coleção de coisas do time, além de um filho com o nome do goleiro da equipe e na reportagem seguinte, a repórter Janice de Castro falou sobre outra família, mas dessa vez apaixonada pelo Palmeiras, em que o pai sofre de *Alzheimer* e tem no clube uma força para continuar. Novamente a jornalista Janice de Castro esteve a frente de uma reportagem, mas agora falando sobre o projeto social de Rúgbi na comunidade de Paraisópolis, em São Paulo. O repórter André Tal entrevistou, em Londres o jogador Felipe Anderson, que está fazendo sucesso no futebol inglês e sonha com a Seleção Brasileira. Para encerrar o programa, o assunto da última reportagem foi maratonismo, o atleta Jesse Owens, negro que fez história em Berlim e no mundo como corredor e sobre o legado e inspiração que o atleta deixou. Além disso, foi citada na reportagem a mulher que revolucionou as maratonas, Kathrine Switzer.

Quadro 5: análise de reportagens Esporte Fantástico

ESPORTE FANTÁSTICO		
Exibido no dia 06 de outubro de 2018		
Sábado		
Repórter	Tempo	Assunto
Jean Brandão	5 min 39 seg	Ginástica
Cláudia Reis	5 min 10 seg	Hipismo
Jean Brandão	5 min 54 seg	Futebol
Roberto Thomé	2 min 07 seg	Futebol
Mauro Junior	5 min 04 seg	Futebol
Waldiney Ferreira	6 min 15 seg	Futebol
Chris Lemos	5 min 10 seg	Torcedor
Mylena Ciribelli	5 min 14 seg	Preparação Física
Rafael Ribeiro	4 min 10 seg	Torcedor
Janice de Castro	5 min 5 seg	Torcedor
Janice de Castro	4 min 38 seg	Rugbi
André Tal	5 minutos	Futebol

Fonte: elaborado pela autora

O terceiro e último programa analisado foi o Jogo Aberto (Quadro 6), produzido pela TV Bandeirantes e vai ao ar diariamente de 12h30min até 13 horas. O programa tem formato de telejornal esportivo, mas com a abordagem mais informal do que os outros acima citados, com muitas brincadeiras entre os apresentadores e participação dos telespectadores pelas redes sociais e *WhatsApp*.

Quadro 6: programa Jogo Aberto

JOGO ABERTO				
Exibido no dia 05 de outubro de 2018				
Sexta-feira				
	Chamada	Nota ao vivo	Nota Coberta	Reportagem
Participação feminina	5	-	-	2
Participação masculina	-	-	-	3

Fonte: elaborado pela autora

Assim como o Globo Esporte, o programa foi analisado no dia 5 de outubro de 2018. Nota-se imediatamente a presença feminina no programa, que é apresentado pela jornalista Renata Fan, que conduz as chamadas, notas ao vivo e faz comentários ao lado do ex-jogador Denilson de Oliveira, mais conhecido como Denilson “*Show*”.

No primeiro bloco do programa, Renata Fan fez as chamadas do que seria apresentado no programa e em seguida, junto com Denilson fizeram comentários sobre a eliminação do time de futebol do Cruzeiro Esporte Clube para o time do Boca Juniors, da Argentina, na Copa Libertadores da América. Após comentários e brincadeiras entre os apresentadores, a jornalista Renata Fan chamou a matéria sobre o time de futebol São Paulo, apresentada pelo repórter André Galvão, que abordou questões internas do clube e falou sobre o próximo confronto no Campeonato Brasileiro. Em seguida, a apresentadora chamou uma reportagem sobre o Palmeiras, adversário do São Paulo, assunto da matéria apresentada antes.

Também foi produzida por um homem, dessa vez o jornalista Thiago Kansler comandou a reportagem, voltando para o estúdio, onde Renata e Denilson continuaram a fazer comentários sobre o assunto. No final do bloco, a apresentadora chamou a reportagem também sobre futebol. Dessa vez o assunto foi

o Sport Club do Recife e mais uma vez a voz foi masculina, Matheus Sukar falou sobre o time Pernambucano, seguido de comentários dos apresentadores e encerramento.

O segundo bloco teve início com uma reportagem também sobre futebol, mas dessa vez comandada por uma mulher, Heloise Ornelas falou sobre a partida entre o Sport Club Corinthians Paulista e o Clube de Regatas do Flamengo e questões internas do clube paulista. Em seguida, mais uma vez a presença feminina marcou o programa, a jornalista Roberta Barroso fez a reportagem sobre questões internas do Flamengo e também sobre a partida contra o Corinthians. Retornando ao estúdio, Renata iniciou o quadro de comentários, palpites e brincadeiras envolvendo os times e jogos de futebol, com participação de cinco homens e apenas ela de mulher.

Quadro 7: análise de reportagens Jogo Aberto

JOGO ABERTO		
Exibido no dia 05 de outubro de 2018		
Sexta-feira		
Repórter	Tempo	Assunto
André Galvão	4 minutos	Futebol
Thiago Kansler	3 min 25 seg	Futebol
Matheus Sukar	1 min 54 seg	Futebol
Heloise Ornelas	4 min 25 seg	Futebol
Roberta Barroso	3 min 24 seg	Futebol

Fonte: elaborado pela autora

Os assuntos tratados nas matérias e o tempo de duração também foram analisados. No programa Globo Esporte, de três reportagens, duas foram produzidas por homens, falando sobre futebol e Fórmula-1 e uma produzida por mulher sobre futebol feminino. A jornalista Fernanda Gentil fez uma participação especial no programa no quadro “GE10” que fala os dez melhores momentos do futebol durante o mês. Lembrando que Fernanda não faz parte do programa, foi apenas uma exceção.

O programa Esporte Fantástico tem duas mulheres como âncora, Mylena Ciribelli e Cláudia Reis. Exibiu nove matérias produzidas por homens, entre os assuntos delas, sete são sobre futebol e as outras duas sobre ginástica e maratonismo. As mulheres foram responsáveis por cinco matérias. Duas das matérias tratavam sobre futebol, mas não diretamente sobre o esporte, uma falou sobre um colecionador de camisas oficiais de clubes de futebol e a outra sobre uma família apaixonada pelo Corinthians, que inclusive nomearam o filho mais novo em homenagem ao goleiro do time. Dentre as outras três matérias restantes estão hipismo, rúgbi e preparação física de um ator para seu personagem na novela.

O Jogo Aberto também conta com a presença feminina na apresentação. A participação da jornalista Renata Fan é mais notada, pois a mesma participa de quadros fazendo comentários ao lado de seu colega de palco. Todas as reportagens exibidas no programa foram sobre futebol, três foram feitas por homens e duas por mulheres.

Após a análise detalhada dos três programas escolhidos para a realização desse trabalho, serão elaboradas as considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por tema “O espaço da mulher no Jornalismo Esportivo televisivo”, com o objetivo de analisar a inserção e atuação feminina no jornalismo esportivo televisivo. Como citado anteriormente na pesquisa, as mulheres conquistaram espaço na cobertura esportiva na década de 1970 e através das análises dos programas de três canais com transmissão aberta no Brasil, foi possível verificar tal inserção.

Matérias jornalísticas, informações esportivas, comentários e papéis em que há expressão individual ainda continuam dominados por homens. Dos programas analisados, apenas o Jogo Aberto, da Rede Bandeirantes, apresenta uma mulher como apresentadora e comentarista. Renata Fan expressa suas ideias e opiniões sobre assuntos esportivos, afirmando, auxiliando com informações, discutindo ou sustentando suas ideias, a jornalista atua como comentarista, mas fica explícito que assuntos mais aprofundados e comentários especializados são feitos por seu colega de estúdio, o ex-jogador Denilson “Show”, deixando Renata mais como apresentadora do que comentarista.

O estudo analisou 22 matérias produzidas em programas esportivos da televisão aberta, porém, apenas oito foram realizadas por mulheres. Aos homens coube transmitir 14. Além das reportagens, as mulheres produziram três informações em notas cobertas e ao vivo, enquanto os homens produziram cinco. Já as chamadas feitas pelos âncoras foram 13 feitas por mulheres e oito por homens. A representatividade das mulheres atingiu aproximadamente 36% das notícias que foram ao ar. Dessa forma, pode-se perceber que as matérias esportivas continuam sendo, na maioria das vezes, funções masculinas.

Essa pesquisa mostrou que, atualmente, as mulheres são mais representativas nos telejornais esportivos brasileiros, mas ainda em menor quantidade e quando aparecem, são responsáveis por reportagens sobre outros esportes sem ser o futebol. Quando se tem a presença feminina falando de futebol, normalmente é feminino ou em matérias sobre paixão de torcedor pelo time do coração, raramente sobre detalhes de jogos e assuntos internos dos clubes. Além de participar como âncora.

Após assistir aos programas e anotar as informações, confirma-se assim a hipótese em que o trabalho foi construído, de que a mulher conquistou espaço nas redações esportivas, mas sua participação ainda é limitada, em sua maioria à âncora e repórter de modalidades menos conhecidas, como foi o caso do programa Esporte Fantástico, que tem duas âncoras e as repórteres ficaram responsáveis por matérias de hipismo, rúgbi e sobre paixão de torcedores, além da matéria envolvendo preparação física de um ator para uma novela. Assim, não é possível afirmar que as mulheres são totalmente aceitas nas redações de esporte.

Dessa forma, este estudo mostrou que as mulheres ainda enfrentam obstáculos para exercer a profissão de jornalista esportiva. Em alguns telejornais esportivos, é possível notar algum destaque na participação, levando em consideração o conhecimento esportivo e a expressão de opiniões. Porém, na maioria dos casos, como demonstrou esta análise, elas continuam, como antigamente, apenas como repórteres de esportes que têm menos audiência e como âncoras devido à estética, sem conseguir demonstrar que as mulheres também entendem de esporte e são capazes de fazer comentários especializados.

6 REFERÊNCIAS

ABROMAVAY, M. **Por trás dos bastidores**: uma análise de mensagens produzidas por organizações governamentais e não-governamentais que trabalham com mulher. São Paulo: Pontífica Universidade Católica. 1989.

ARAGÃO, Camila Carelli. **A mulher no Jornalismo Esportivo**: os desafios das repórteres das emissoras de rádio cariocas. Rio de Janeiro, 2010.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**: história da imprensa brasileira. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.

BARBERO, Jesus Martin. **América Latina e os anos recentes**: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton (org.). Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense, 1995, 39-68.

BESSA, Clarice. **Mulheres de Atenas**. 2006

BORELLI, Viviane. **O Esporte como uma Construção Específica no Campo Jornalístico**. Texto apresentado no INTERCOM 2002, Centro de Convenções - Salvador, Bahia.

BRAGA, Eliane Maio. **A questão do Gênero e da sexualidade na educação**. In: RODRIGUES, Eliane; ROSIN, Sheila Maria (orgs). Infância e práticas educativas. Maringá – Pr. EDUEM. 2007.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de Papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Loyola, 1981.

CASADEI, Eliza Bachega. **A inserção das mulheres no jornalismo e a imprensa alternativa**: primeiras experiências do final do século XIX. Rio de Janeiro: Revista Alterjor, vol. 1, ed. 03, 2011.

CASTRO, Luis. **¿Comunicación deficiente, deporte deficiente?** Chasqui: revista latinoamericana de comunicación. Quito: Ciespal, n. 51, p.56-57. Júlio 1995.

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CAMARGO, Vera Regina Toledo. **O Comunicador e o Educador Esportivo**: Novos Paradigmas Para o Jornalismo Esportivo. In: MARQUES, José Carlos; CARVALHO, Sérgio; CAMARGO, Vera Regina Toledo (Org.). Comunicação e Esporte – Tendências. Santa Maria: Pallotti, 2005

CAMARGO, Vera Regina Toledo. **O Telejornalismo e o esporte-espetáculo**. Tese de doutorado. Pós-graduação em Comunicação Social. Área de concentração. Teoria e ensino da Comunicação (Estudos da mídia). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Paulo, 1998.

CODO, W. **O que é alienação?** São Paulo. Brasiliense, 1995.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 2.ed São Paulo: Contexto, 2004.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 4.ed São Paulo: Contexto, 20011.

PENA, F. **Jornalismo. Coleção 1000 Perguntas**. Rio de Janeiro: Editora Rio-Universidade Estácio de Sá, 2005.

CRUZ, Sabrina Uzêda. **A representação da mulher na mídia**: um olhar feminista sobre as propagandas de cerveja. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 2008, Salvador. Anais... Salvador: [s.n.], 2008. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3090/2429>> Acesso em: 10 abr. 2018

DE LIMA PEREIRA, Silvio Túlio. **Nova Linguagem Do Telejornalismo Esportivo: Os Gêneros E A Proposta De Tadeu Schmidt**. 2011. 52 f. Monografia. – Faculdade Araguaia, 2011.

GONÇALVES, Michelli Cristina de Andrade; CAMARGO, Vera Regina Toledo. **A memória da imprensa esportiva no Brasil**: a história (re) contada através da literatura. (Trabalho apresentado no NP18 - Comunicação e Esporte durante o XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, RJ, 05 a 09 de setembro de 2005.) Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/11657373767696920299598785904621948040.pdf>> Acesso em: 20 abr. 2018

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **Gênero e esporte**: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade**: pedagogias contemporâneas. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MIRANDA, Helena Caroline. **Nas linhas do Campo**: A participação feminina em programas esportivos com comentaristas. 2017. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2965-1.pdf>> Acesso em: 19 set. 2018.

MUNIZ, Almir. **Os donos da bola**. Revista de Comunicação. Rio de Janeiro, vol. 7, n. 25, p 8-11, junho de 1991.

OLIVEIRA, B.G.R.B.; PEREIRA, A.L. **Mulher = Enfermeira X Enfermeira = Mulher. Eis a questão**. Rev. Alt. Enf., v. 1, n. 4, 4-13.

PEDROZA, Christiana Lamoglia Sobral. **Mulheres no jornalismo esportivo**: os desafios e dificuldades da profissão. Rio de Janeiro, 2017.

PRIZIBISCZKI, Cristiane. **Maria Helena Rangel**: há 60 anos, a presença feminina no jornalismo esportivo tinha início. 2007. Disponível em: <http://www.portalimprensa.com.br/portal/ultimas_noticias/2007/08/09/imprensa13571.shtml> Acesso em: 19 set. 2018

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo**: histórias da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalistas: 1937 a 1997**: a história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

ROCHA, Paula Melani. **As Mulheres Jornalistas no Estado de São Paulo**: O Processo de Profissionalização e Feminização da Carreira. 2004. 222 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rocha-paula-melani-mulheres-jornalistas.pdf>>. Acesso em 21 set. 2018.

RODRIGUES, Jéssica Antunes de Lima. **Batom e Chuteira**: elas, o esporte e os programas esportivos. 2014. Monografia (Graduação em Comunicação Social Jornalismo) Universidade Católica de Brasília. Disponível em: <<https://repositorio.ucb.br/jspui/handle/10869/4530>> Acesso em: 18 set. 2018.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O Sapo de Arubinha**: os anos de sonho do futebol brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SILVA, Fernanda Mauricio da. **Jornalismo esportivo como área específica na televisão**: O pacto sobre o papel do jornalismo no Globo Esporte e Bate-Bola. 2005. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/93982054208705735375873813744937085693.pdf>> Acesso em: 24 abr. 18

SILVEIRA, Nathália Ely da. **Jornalismo Esportivo**: conceitos e práticas. 2009. 91 f. Monografia. – Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, 2009.

VON GROLL, Marcus. Monografia Conclusão De Curso Em Bacharel Em Jornalismo Da Universidade Do Vale Do Rio Dos Sinos, 2013. Disponível em: <http://travinha.com.br/2016/01/12/o-jornalismo-esportivo-no-brasil-e-no-mundo/> Acesso em: 24 abr. 18

TOSTA, Angelo Ambrósio. **O entretenimento no telejornalismo esportivo público**: Análise dos programas "No Mundo da Bola" e "Cartão Verde. 2014. 58 f. Monografia. – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014.

TUBINO, Manoel José Gomes; GARRIDO, Fernando Antônio Cardoso; TUBINO, Fábio Mazon. **Dicionário enciclopédico Tubino do esporte**. São Paulo: Senac Rio, 2007.

ZETTL, Herbert. **Manual de produção de televisão**. São Paulo, Cengage Learning, 2011.